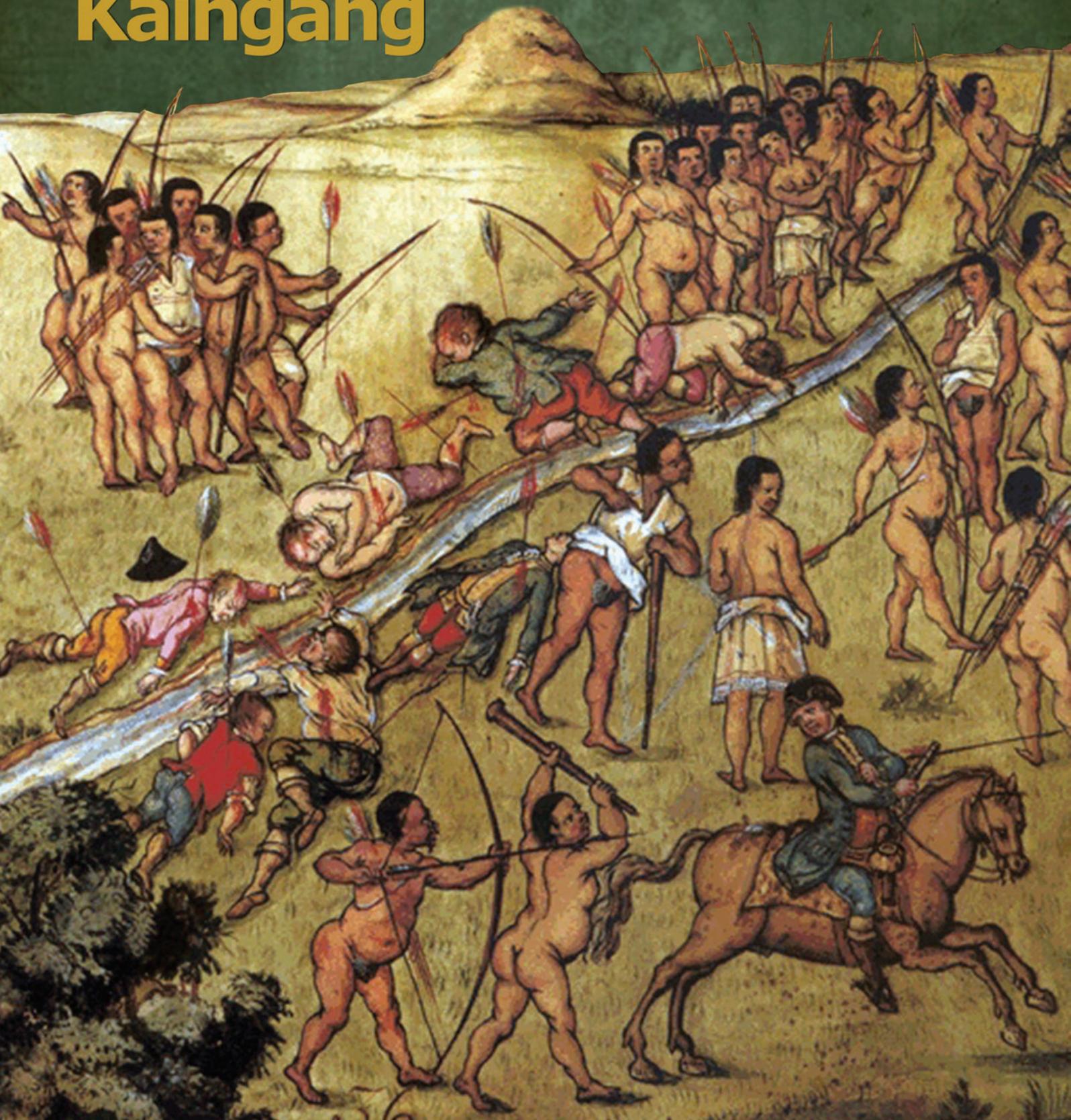


O Tuiuti



2013 / Nº 73

A Guerra entre os **Kaingang**





O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – AHIMTB/RS e IHTRGS

lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Conquista dos Campos de Guarapuava. Obra atribuída a José de Miranda, séc. XVIII.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR VAE VICTIS

Mais de duas décadas de trabalho voltado para a divulgação da História Militar

O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem grande orgulho em participar da elaboração do informativo **O Tuiuti**, marco da formação histórica militar brasileira. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis trabalha tendo em vista a clareza de informação, a amplitude das análises, a relevância do material audiovisual, a atualização das hipóteses e a consistência na argumentação.

Nossa Missão: é levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, preservando documentos e fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade.

Nossa Postura: é independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural, visando fornecer informação e compreensão com acessibilidade.

Para saber mais sobre nosso trabalho visite:

www.nucleomilitar.com / www.nucleomilitarblog.com

A Guerra Entre os Kaingang

**Aspectos de ações guerreiras intertribais e
contra os grupos colonizadores envolventes**

Fabricio Gustavo Dillenburg

Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

Os Kaingang eram índios que habitavam os altiplanos de uma grande área que, atualmente, se configura como a região do sul e sudoeste de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e parte do território argentino.

A partir de 1770, os paulistas começaram a se deslocar em direção à chapada paranaense de Guarapuava, avançando para o sul. Ali, os tropeiros estabeleceram diversos povoados que, logo, passariam a ter de confrontar indígenas em combates, via de regra, sangrentos. Esses índios eram os Kaingang e os Xokleng¹ que, submetidos a diversas tentativas de

conversão à fé cristã, comumente abandonavam os aldeamentos e retornavam ao seu estado natural, de vida no mato.

Os Kaingang deram origem, entre seus inimigos indígenas e entre os brancos colonizadores, a uma reputação de guerreiros agressivos e bons caçadores. Lutaram com vigor na defesa de suas terras, e criaram uma série de problemas para a ocupação das suas áreas, de forma que somente com a atuação de alguns chefes, que aceitaram uma aliança com os brancos (denominados por eles "fóg"), foi possível uma pacificação efetiva,



sobretudo entre os anos de 1840 e 1930. Outro fator importante para que a calma chegasse aos territórios ocupados pela população Kaingang foi o alastramento de uma violenta epidemia de gripe que, nos anos de 1912 e 1913, dizimou um grande número de índios. Os derradeiros grupos que sobreviveram e se mostravam, ainda, resistentes, foram reduzidos perto do rio Aguapeí (também conhecido como rio Feio) em 1912, dando encaminhamento ao processo final de eliminação da oposição.

Devido a uma longa e complexa relação intransigente com seus vizinhos e com os invasores recém-chegados ao seu território, os Kaingang desenvolveram um aguçado senso combativo, que acabou por se constituir em um elemento comum do seu cotidiano. A segurança dos grupos, cada vez mais, passou a assumir importância vital, proporcional e concomitantemente à difusão de novos núcleos colonizadores. Assim sendo, desenvolveram recursos sofisticados e inteligentes, que lhes deram supremacia bélica, na região que habitavam, por longo período de tempo.

Entre os índios, a guerra estava ligada a antagonismos existentes entre as diferentes culturas, e mesmo entre irmãos: os Kaingang muitas vezes faziam guerra entre eles próprios. O principal motivo, como não poderia deixar de ser, aparece na luta pela subsistência, quando da invasão de território ou desrespeito aos princípios éticos, estabelecidos pela tradição. Os relatos demonstram que as disputas eram marcadas por extrema violência, muitas vezes chegando ao total extermínio. Isso se devia, fundamentalmente, a ódios interétnicos cultivados durante longo tempo, e que

assumiam tamanha proporção que, em alguns casos, os Kaingang preferiam entregar-se às reduções do que ficar à mercê das tribos inimigas. Esses ódios eram tão intensos que mesmo o cacique, com sua autoridade, em certas ocasiões não conseguia evitar as contendas.

As guerras poderiam ser de conquista, quando se davam com o objetivo de arrecadar mulheres e escravos, ou pela invasão de uma tribo à área de outra, principalmente para roubar o pinhão. Nesses casos, quando se dava a paz, a tribo vencedora recebia, obrigatoriamente, todo o pinhão roubado, e os territórios para caça e coleta eram revistos e demarcados pelo cacique principal, convergência de toda a atenção e obediência da tribo.

Por outro lado, a guerra poderia acontecer por motivo de vingança. Um dos casos mais conhecidos é o dos caciques Doble e Braga, no qual uma traição do primeiro levou toda a tribo de Braga a realizar uma verdadeira caçada, objetivando desforra. Doble acabou refugiando-se entre os brancos para não ver sua tribo, e a si próprio, destruídos. Trata-se de uma exceção, essa entrega voluntária aos invasores brancos, pois era, em geral, difícil conseguir-se que os Kaingang se submetessem voluntariamente. Isso demonstra até que ponto a represália se fazia sentir entre inimigos.

Quando em paz, todavia, era comum que houvesse visitas entre membros de tribos diferentes. Marcadas, se por um motivo qualquer não aconteciam, principalmente no que diz respeito à tribo central, o cacique responsável de imediato enviava representantes para dar explicações aos insultados. As visitas, portanto, exerciam

um papel de harmonização, e sua ausência poderia significar imediata declaração de hostilidades. A falta de obediência, ou dissidências, também não eram toleradas e levavam, igualmente, ao estado de guerra.

Em outros casos, necessidades concretas também serviam como motivos para combates. Os índios podiam atacar colonos para obter ferro e roubar machados, instrumentos mais eficientes do que os que podiam obter com a exploração dos recursos da mata. Na exaltada busca desses materiais, entretanto, acabavam matando quem se opusesse. Isso gerava perseguições que, somadas às disputas com outras tribos, exigiam um estado de alerta constante.

Em vista disso, como defesa primordial, almejando dispor de um alerta antecipado aos ataques cada vez mais frequentes, as aldeias estabeleciam uma guarda preventiva. Utilizavam, para tal fim, altos pinheiros, sobre os quais ficavam pequenos abrigos, camuflados por entre os galhos. Durante o dia, um vigia mantinha a área sob olhar atento. Se algo suspeito se aproximasse, ou a fumaça de uma fogueira fosse vista, sua função era dar o alarme e deixar todos de sobreaviso, prontos para lutar ou fugir. Como regra, esse alarme consistia em três ou quatro gritos agudos, e era reconhecido mesmo à razoável distância.

Sem soluções possíveis, e declaradas abertas as hostilidades entre as tribos, não era incomum que os Kaingang elaborassem armadilhas camufladas, colocando em buracos cuidadosamente cobertos uma série de pontas afiadas, “minando” as trilhas entre as aldeias em

desacerto. Engenhos terríveis, esses ardis eram capazes de aleijar os inimigos, quando não provocavam ferimentos gravíssimos que levavam à morte.

Apesar disso, os Kaingang preferiam os combates em campo aberto, corpo a corpo, cavando, eventualmente, pequenas trincheiras para refúgio circunstancial. Independentemente de estarem resguardados ou expostos, contudo, os prelúdios das lutas entre tribos eram, sempre, marcados por insultos de todo tipo por parte dos combatentes. Invariável, também, era o fato de que as escaramuças aconteciam durante o dia; à noite, num comportamento típico, o Kaingang dormia tranquilamente, sem qualquer receio de sofrer agressões.



Guerreiros margeiam um rio, em deslocamento

Luta encerrada, os cuidados com os mortos e feridos eram minuciosos: os seus, nunca deixavam para o inimigo. Carregavam-nos consigo, muitas vezes com o risco da própria vida. Os contendores que, porventura, conseguissem sobreviver, feridos ou moribundos, às sangrentas batalhas, não tinham tanta sorte: eram eliminados, sem restrições. A sepultura, porém, era uma exigência tanto para os

mortos da tribo, quanto para os do inimigo, e era feita de acordo com as condições que o morto apresentava enquanto vivo. Se amigo, era enterrado com todas as honrarias. Se inimigo, era enterrado em um buraco cavado longe das casas da tribo, ou mesmo no próprio campo de batalha. Ainda, poderia ser enterrado em vala comum, embora isso não pareça ter sido uma prática usual.

Isso contrastava com o comportamento de outros grupos. Os Botocudos², por exemplo, raras vezes tiravam os mortos



Kaingang aldeados, por volta de 1950
(Acervo Museu do Índio)

dos campos de batalha, e quando o faziam, era porque eles estavam muito próximos à aldeia. Se fosse o caso, até um ou dois dias depois da contenda, sepultavam os abatidos no próprio local do combate. Um comportamento, entretanto, era sagrado, mesmo entre culturas diferentes: jamais as tribos se atacavam quando em serviço funerário.

Não parece ter havido tratados específicos de paz entre os Kaingang. O que poderia acontecer era haver, simplesmente, profundo respeito aos

limites acordados entre as tribos. Por isso, quando a paz acontecia, eram realizadas festas consideráveis, como um meio de reconciliação entre os antigos inimigos. Isso não era incomum entre os índios mas, logicamente, não se fazia possível entre os colonizadores, que não apenas não compactuavam normalmente com os Kaingang, como se organizavam para eliminar qualquer ameaça representada por eles, inclusive acionando homens especializados em sua caça, os chamados "bugreiros". No contexto da ocupação territorial, a perseguição aos autóctones era vista como uma necessidade de sobrevivência e, ainda, quando eficaz, motivo de comemoração e regozijo.

Sob tal perspectiva, certamente um dos maiores problemas enfrentados pelos colonos (e, obviamente, pelos índios), durante seu assentamento, foi a invasão das terras nas quais estavam vivendo os Kaingang. Nelas, para garantir seu espaço, acabavam tendo que lutar ou dar presentes aos índios para aplacar sua ira. Eles, por sua vez insatisfeitos, agiam com veemência para resguardar seu território.

Os ataques realizados às colônias assumiam características diferenciadas das lutas tribais. Por vezes, acontecia de os índios acenderem uma fogueira nos morros próximos às casas dos colonos, deixando-os de sobreaviso. Acredita-se que, assim, talvez, desejassem medrontar os invasores, levando-os a abandonar o local sem que houvesse confronto. Não obstante, com esse comportamento quase pueril, colocavam a vida em risco, dando tempo suficiente para que o inimigo se preparasse, concentrando forças para combatê-los. É fato, porém, que nem sempre os índios agiam dessa forma,

optando, não raro, desde logo pela força. A ocultação na mata e a aproximação silenciosa faziam parte da educação Kaingang, e os recursos de camuflagem eram empregados frequentemente, mas às vezes de modo ingênuo e até hilário, lembrando desenhos animados. Conta-se, por exemplo, o fato de uma moita que, à noite, não existia, mas pela manhã tinha aparecido, misteriosamente, na frente da casa de um colono. Alguns disparos revelaram um índio, assustadíssimo, que espionava a casa.

Era hábito que a casa a ser atacada fosse espionada, mantida sob vigilância até que os índios tivessem informações suficientes para executar uma ação. Antes do assalto, se significativo em porte, planejava-se tudo em uma reunião, na qual o cacique e seus guerreiros discutiam como lutar. Decididos os pormenores, o comando era dado ao mais corajoso dos presentes, e ao mais eficiente no manuseio das armas. O número de guerreiros necessários à expedição era então fixado, de acordo com a previsão de defesa dos brancos, considerada com base no que havia sido obtido com a observação do local. O cacique somente liderava quando os combates se davam entre tribos ou nações, ou contra ataques organizados pelos brancos.

Tudo resolvido, eram enviados batedores, em geral dois guerreiros, para vasculhar a região da incursão e fornecer aviso no caso de um eventual contra-ataque. Depois deles, seguiam alguns espiões, encarregados de vigiar os arredores e a própria casa escolhida para o assalto. Atrás, vinha o grosso da tropa. E, por último, acompanhavam o cortejo algumas mulheres velhas, que carregavam

mantimentos para a jornada até o alvo escolhido. Se houvessem prisioneiros, depois da contenda, essas mesmas mulheres serviriam como guardas provisórios.

As armas levadas pelos combatentes consistiam, basicamente, em varapaus e arcos e flechas. Alguns podiam levar clavas. Essas armas eram distribuídas hierarquicamente, sendo que os melhores e mais poderosos instrumentos ficavam com os chefes e melhores guerreiros. Os Kaingang não usavam veneno nas flechas, e estas eram minoria entre as armas, já que davam muito trabalho para confeccionar.

Para chegar até o objetivo, os índios utilizavam um recurso interessante e pouco comum: pisavam uns sobre as pegadas dos outros, seguindo sempre o líder. Assim, se um inimigo olhasse a trilha deixada pelo grupo, pareceria que um só indivíduo por ali havia passado. Para localização, vergavam e quebravam arbustos na direção em que caminhavam, deixando-os como marcas pelo caminho. Já nas proximidades do alvo, não faziam isso, evitando assim facilitar perseguições. E, quando fugiam, antes de nortear a trilha marcada, faziam algumas confusas voltas pelo mato, como meio de enganar os que estavam no seu encalço.

Ao se aproximarem do lugar determinado, os precursores espiões subiam em árvores, camuflavam-se da melhor maneira possível e vigiavam atentamente todos os movimentos. Se tudo parecesse bem, aproximavam-se com cautela, para coletar mais dados, num processo de reconhecimento relativamente organizado. Esses movimentos introdutórios à batalha podiam levar horas,

dias ou mesmo semanas, até chegar o momento ideal, quando os colonos estivessem dispersos ou distraídos. Aí, dado o sinal, os guerreiros atacavam vindos de todos os lados, brandindo armas e buscando matar, logo de início, todos os homens. As mulheres e crianças, num primeiro momento, eram poupadas. As mulheres índias, com as armas reservas, esperavam no mato, berrando contra os inimigos na sua língua nativa. Os Kaingang saqueavam, então, a casa, e se tinham certeza de que não viria qualquer ajuda imediata, queimavam-na, destruindo o que não podiam carregar. Consumado o ataque, voltavam para a aldeia, em correria, carregando o butim.

Entretanto, se os colonos tivessem à sua disposição algumas armas de fogo, os índios normalmente debandavam em disparada, sem conseguir concluir seu intento. Suas armas primitivas eram incapazes de oferecer qualquer oposição à pólvora, e a mortandade entre os guerreiros seria catastrófica, caso insistissem no ataque.

Se o ataque tivesse sucesso, e fossem feitos prisioneiros entre os colonos, os que não podiam acompanhar a marcha de retorno eram prontamente mortos. Os que eram conservados podiam ter seus cabelos cortados à moda da tribo, e seus corpos recebiam depilação completa. Às prisioneiras, eram dadas infusões para impedir que menstruassem, por medida de higiene.

As mulheres aprisionadas que não eram índias jamais eram submetidas ao sexo pelos homens da tribo. Eram consideradas inadequadas. Mulheres brancas (e de cor) moças, capturadas, eram despidas

completamente e entregues à tribo como escravas. Embora relativamente bem tratadas pelos homens, eram submetidas a brutalidades pelas índias do grupo, sendo forçadas a realizar todas as tarefas que, rotineiramente, seriam feitas pelas mulheres da tribo. Sempre permaneciam sob intensa vigilância, para impedir fugas. Em contraponto, as mulheres índias capturadas em batalhas intertribais, se não fossem muito velhas, eram aceitas na comunidade, e as crianças, adotadas, criadas entre as nativas do próprio grupo.

Os inimigos mortos tinham a cabeça cortada e sua prole passava a ser responsabilidade do guerreiro que consumara sua morte. Se as crianças, porém, tivessem mais de seis ou sete anos, aproximadamente, eram mortas, a fim de evitar vinganças. Crianças de peito, idem, caso o combate não tivesse um resultado definitivo, já que, com seu choro, elas poderiam denunciar a posição do grupo que atacara, durante a fuga.

Crianças brancas capturadas eram desnudadas, tinham seus cabelos aparados e os pelos de seus corpos raspados. Eram, semelhantes às mulheres não índias, vítimas frequentes de brutalidades, sofrendo até chegar a uns 12 anos, mais ou menos. Então, sem piedade, eram mortas, se meninos, devido ao medo de desforra pelo assassinato de seus pais. Garantiam, dessa forma, que, antes que se tornasse perigosa demais, a ameaça seria cortada pela raiz.

Por tudo isso, os Kaingang foram caçados sem compaixão, gradativamente reduzindo suas incursões. Os assaltos aconteceram até fins do século XIX,

quando então os grupos indígenas diminuíram até não representaram mais perigo aos colonizadores.

Acosados por um número cada vez maior de invasores brancos e incapazes de competir tecnologicamente com eles, os Kaingang reduziram-se a pequenas áreas, ou submeteram-se a aldeamentos, nos quais sua liberdade original perder-se-ia, quiçá, para sempre. Por fim, acabaram, em número considerável, servindo como mão-de-obra barata para os novos donos das terras, sendo muitas vezes assassinados, como animais. Confiantes em sua origem, foram rapidamente suplantados e não conseguiram suportar o avanço dessa nova gente que, como eles, à sua maneira, buscava um lugar ao sol.

Foram esses recém-chegados que se mostraram, ao fim e ao cabo, como inimigos ainda mais poderosos e terríveis, acabando por destruir quase que por completo a civilização que, até então, detinha, forte e orgulhosa, o título de senhora incontestada da guerra naquela vasta extensão brasileira.

Notas:

1 Habitantes primitivos de Santa Catarina, sobretudo do Vale de Itajaí, que foram confinados em aldeamentos por volta de 1914. Boa parte de sua população, que faz parte do Grupo Linguístico Jê, foi exterminada, e os recursos de suas terras foram reduzidos pela construção da Barragem Norte. Calcula-se que, hoje, segundo dados da Fundação Nacional da Saúde (FUNASA, Ministério da Saúde), existam menos de dois mil índios Xokleng.

2 Chamados também de Aimorés, eram índios conhecidos por usarem grandes

enfeites labiais e auriculares em forma de discos, feitos geralmente em madeira, chamados botoques. Encontravam-se do sul da Bahia à região do vale do rio Doce, incluindo o norte do Espírito Santo e Minas Gerais. Ainda há grupos remanescentes, nas bacias dos rios Mucuri e Pardo.

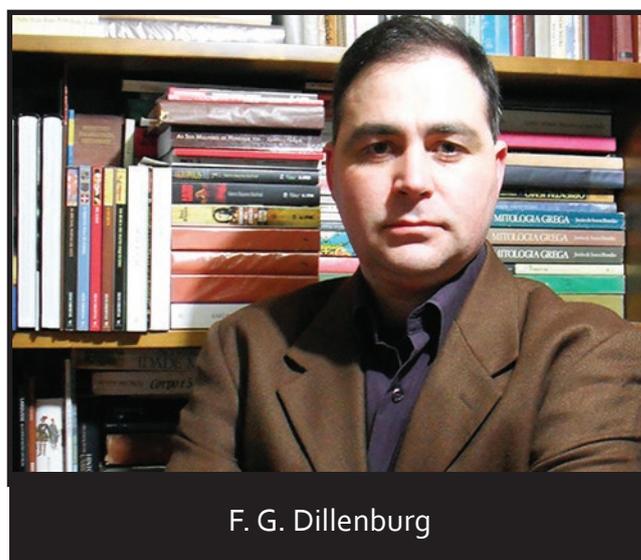
Referências Bibliográficas:

BECKER, Ítala Irene Basile. **O índio Kaingang no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1976. (Série Pesquisas, Antropologia, n. 29).

BECKER, Ítala Irene Basile. **O índio Kaingang do Paraná**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

HEMMING, John. **The defeat of the Brazilian Indians**. London: Pan Macmillan, 1995.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: EDUEM, 1994.



F. G. Dillenburg

Sobre o Autor: Fabricio Gustavo Dillenburg é historiador, fundador e responsável pelo **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis**. É autor de "Kamikaze: as Invasões Mongóis e as Origens do Vento Divino". Site oficial: <http://www.nucleomilitar.com>



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

